

LITERATURA E ENSINO: DO LER AO PRODUZIR SENTIDOS

É fato que a literatura tem o poder de nos levar a lugares inimagináveis e nos suscitar emoções e sentimentos capazes de nos fazer transcender ao que supúnhamos como correto ou incontestável. Tem o poder de nos levar a querer mais e nos fazer sorrir ou chorar com heróis e vilões, provocar indignação ou, ainda, nos oferecer a mais benevolente das sensações durante o processo da leitura. Isto porque, conforme bem nos lembra Vicente Jouve, em seu livro *A leitura* (2002, p.132), “o ‘outro’ do texto seja do narrador seja de uma personagem, sempre nos manda de volta, por refração, uma imagem de nós mesmos”.

Ao longo de nossa própria história de leitura somos e fomos embalados por expressões como “ser ou não ser eis a questão”, ou ainda “amor é fogo que arde sem se ver”. Quem não se lembra de

“minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá”? Porém, em se tratando do universo de obras voltadas as crianças e jovens, são expressões como “Era uma vez” que nos provocam sensações de aconchego e recordação. Basta um “espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?” ou “por que essa boca tão grande” para nos remeter as mais vívidas lembranças sobre o mais tenro contato com esse reino encantado que é a literatura.

Seja no seio familiar ou nos bancos escolares a criança e o jovem tem a oportunidade de desfrutar da dádiva que é o “fazer viver” que a literatura propõe em tão incomensurável presença em forma de fruição e deleite. É nesse ponto que o volume 27 da *Revista Alére*, que ora se apresenta, com o dossiê: “Leitura, Literatura e Ensino – reentrâncias da produção de sentidos” propõe-se à reflexão sobre o fato de que o texto literário, como nos esclarece Roger Chartier, em *A aventura do livro do leitor ao navegador* (1999, p.152), “implica significações que cada leitor constrói a partir de seus códigos de leitura, quando ele recebe ou se apropria desse texto de forma determinada”.

Apesar de não ser uma ideia nova, a associação literatura e ensino é palco de pesquisas e reflexões, mas qual a razão para que ainda ocorra tantas dúvidas sobre a melhor forma para a mediação de leitura literária? Como oferecer essa benesse, a leitura, que humaniza em sentido profundo, como nos propõe Antonio Candido em “A literatura e a formação do homem”, na *Revista Ciência e Cultura* (1972, p.803-809), enquanto atende à necessidade de ficção e fantasia do ser humano indiferente da idade?

Quais as melhores metodologias para que a leitura literária não se torne panfletária, um mecanismo utilitário para

perpetuar a ideologia adulta em detrimento às necessidades e anseios do leitor infante ou jovem? Quais as ações mediadoras mais recomendáveis no sentido de tornar a leitura literária muito mais que entretenimento ou enxergar o mundo, proporcionar que o leitor a exerça como direito e fruição?

São esses alguns dos questionamentos que os autores deste volume buscam responder e/ou questionar em suas reflexões. O primeiro texto, intitulado “Sobre ensino e leitura de literatura”, de Madalena Machado, discute que a mediação de leitura literária na contemporaneidade exige uma certa sensibilidade por parte do mediador para além de diferenciar ações mediadoras enquanto instrução ou deleite. A leitura literária é “uma expansão da vida”, como afirma a própria autora.

Já o segundo texto, “A literatura afro-brasileira de Conceição Evaristo: construção da identidade, em *Olhos D’água*”, de autoria de Adelia Maria de Souza Lima e Epaminondas de Matos Magalhães, traz uma abordagem sobre a mediação de leitura a partir da obra que compõe o título do artigo como forma de fruição e resistência ao racismo estrutural, mas também como alternativa de formação do leitor e, nas palavras dos autores, “de práticas culturais que instigam a busca pela leitura”.

“Políticas de estado e ensino: procedimentos metodológicos no material didático”, o terceiro texto, dos autores Érica Lopes da Silva e Weverton Ortiz Fernandes, traz uma reflexão sobre como a literatura é vista nos livros didáticos de Língua Portuguesa. A reflexão dos autores parte de uma associação com a Análise de Discurso francesa e visa externar a materialidade literária não como reprodução da realidade, mas sim como forma de contato com a fantasia.

O artigo de Waldiney Santana da Costa, “Criação e recepção em “Werther”: prática de ensino, leitura e produção literária na obra de Goethe”, apresenta discussões acerca dos sentidos encontrados na narrativa que compõe o corpus do artigo, mas também evidencia o leitor como partícipe na construção da obra por meio da recepção e produção de sentidos durante o processo de exercício da escrita criativa e assim como a criação literária em formato de alternativa ou até mesmo fomento para se alcançar o leitor crítico.

Éderson Luís Silveira, em seu texto “Notas para não deixar seu literato em paz: percorrendo os estudos de gênero e alguns preâmbulos sobre a função social da literatura”, faz uma revisão bibliográfica acerca das relações entre literatura e sociedade no que concerne à abordagem de gênero no espaço teórico literário. Ou, nas palavras do próprio autor, “um gesto que ruma ao encontro de fazer ranger estruturas engessadas patriarcais, que atravessam a universidade e descansam sob o cômodo espaço das formalizações estruturais”.

O sexto artigo a compor nosso volume especial tem como título “A importância da leitura e da escrita – experiência com estagiários do Pibid”. De autoria de Maria Elena Santos Gomes, faz uma reflexão sobre a atuação de bolsistas no espaço da Educação Básica com o intuito de incentivar e mediar a leitura literária em conjunto com professores de Língua Portuguesa. O texto ainda evidencia sobre o quanto leitor do Ensino Médio logra ao valer-se da leitura não só como entretenimento, mas principalmente como forma de desenvolver o senso-crítico e a consciência cidadã.

“Contos e encantos: trabalho pedagógico com a obra *Não*

presta para nada”, tem como autores Eliane da Silva Deniz e Marcos Aparecido Pereira e traz a contação de histórias como metodologia docente, mas também como forma de atrair e prender a atenção de leitores estudantes. Os autores ainda enfatizam a carência de qualificação docente não só quanto ao contar, mas principalmente sobre metodologias sobre a mediação de leitura literária e a percepção de que o texto literário propõe sentidos e inferências a partir de uma carga imagética associada à vida.

O oitavo artigo é de autoria de Rosemar Eurico Coenga e traz o título “Perspectivas da literatura indígena e o viés intercultural: temas emergentes no ensino de literatura”. Ao longo de suas asserções o autor destaca a importância de se ler literatura infantojuvenil indígena brasileira como forma de desestabilizar crenças preconceituosas e expungir estereótipos em torno da temática. O autor ainda nos traz formas de ler literatura em sala de aula para que o leitor estudante perceba a prática desenvolvida como ação intercultural e a leitura da obra um meio de instigar-lhe “a curiosidade e ampliando seu espaço de ação/reflexão sobre a vida, natureza e sobre nosso ser/estar no mundo”, como o autor explana assertivamente.

No texto “Saberes compartilhados: a utilização do Método Recepcional em sala de aula a partir da obra *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado”, os autores Ângela Maria da Silva Elias e Aroldo José Abreu Pinto trazem o resultado de uma pesquisa realizada em nível de mestrado. O projeto intitulado “Chá Literário” foi realizado na Escola Estadual “Professor João Batista”, do município de Tangará da Serra-MT e teve como principal objetivo a observância da recepção da obra *Bisa Bia Bisa Bel*, de Ana Maria Machado com alunos do Ensino Fundamental.

O décimo artigo, “Letramento Literário: caminho possível através do conto”, cuja autoria pertence à Bruna Laliny Magalhães da Silva e Stefany Silva do Nascimento, traz uma proposta metodológica envolvendo a mediação de leitura literária por uma perspectiva de aproximação entre leitor estudante e literatura no seio das aulas de Língua Portuguesa a partir da obra *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector. O artigo nos mostra ainda uma possibilidade de associação entre o letramento literário como conceito basilar para a contribuição crítico-reflexiva do leitor estudante que este consiga, como expõe as autoras, “construir e compartilhar com o outro variados sentidos para si e para o mundo”.

Em “O tempo como marca de sentimentos vivenciados e o processo de ensino aprendido em tempos de pandemia” encontramos a mediação de leitura da crônica *Medida de Tempo*, de Rachel de Queiroz. Ou seja, uma ação desenvolvida pela autora Nasione Rodrigues Silva junto aos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual “Professor João Batista”, em Tangará da Serra – MT, durante a pandemia de COVID-19. A autora ainda destaca a importância de se desenvolver ações em que o leitor reflita quanto aos sentimentos vivenciados durante o período pandêmico. O relato de experiência nos traz ainda releituras de obras literárias como amostra dos efeitos da leitura, principalmente os sentidos (re)significados pelo leitor.

O penúltimo texto de nosso número especial é intitulado “A (des) construção do medo em *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque de Holanda dos autores”. Simeire da Silva Santos, Emanuely Mariana Trindade Guimarães e Aroldo José Abreu Pinto trazem reflexões que discutem a leitura literária como

princípio de emancipação do leitor. Os autores seguem as postulações basilares da Estética da Recepção, de Jauss (1994), e a Teoria do Efeito, de Wolfgang Iser (1996), e fazem inserções sobre a proficiência e a autonomia do leitor na produção de sentidos frente à leitura de *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque de Holanda, e a intertextualidade com o conto dos Irmãos Grimm, pautados na forma de representação e no conteúdo representado pelas obras.

O último artigo deste número, que encerra as formas e sentidos sobre diversas obras literárias, teorias e metodologias sobre a mediação de leitura literária, intitula-se “Voos literários com Manoel de Barros: experiências de leitura” e tem como autoras Simone de Barros Berte e Samara Barros Berte. O relato de experiência destaca o Letramento Literário como mediação de leitura e ampliação pelo gosto da esteticidade e poeticidade presente em obras de Manoel de Barros. As autoras ainda destacam a leitura literária como forma de se sentir presente no encantamento imagético da poesia de Barros, mas principalmente como forma de pertencer e, portanto, de ser. Nas palavras das próprias autoras: “aprender é um constante processo de reconstrução de si e do outro”.

Com essas pontuações sobre inestimável adjeção de pesquisas referentes à mediação de leitura literária, é importante enfatizarmos que a literatura se faz necessária em todos os espaços e formatos de mediação porque é por meio dela que o ser humano tem a capacidade de ampliar a própria visão de si e do mundo e, por isso mesmo, humanizar-se. Esse processo acontece em um movimento que se estende do ler (da decodificação) à produção de sentidos. Escorre da abstração do que o “texto quer

dizer” ao que ele “pode se tornar”.

A outra grande razão para o oferecimento da leitura em forma de materialidade literária se dá no aspecto de que ela (a literatura) pode se tornar mecanismos de enfrentamento e resistência à opressão de realidades sociais que nem sempre estão explícitas em obras lidas, mas pode ser sentida e até mesmo transformada a partir de um movimento de autoidentificação e ressignificação conceitual da própria realidade.

A leitura literária quando feita em níveis de alcance da *aisthesis, poiesis e katharsis*, como propõe Jauss (1994), apesar de não ser feita para se tornar ferramenta, fornece, em níveis inimagináveis e incalculáveis, formas para o leitor perceber e escolher ratificar ou retificar as próprias subjetividades. A mediação de leitura literária tem o poder de consubstanciar a descoberta do leitor infantil ou jovem enquanto autor de si e do próprio discurso.

Esperamos que os leitores percebam que estas são algumas das possibilidades a serem desenvolvidas e pensadas sobre a relação entre Literatura e ensino e esperamos que estes mesmos leitores, principalmente se forem mediadores de leitura, percebam que estas nossas reflexões foram feitas para serem analisadas e, principalmente, ressignificadas enquanto práxis de leitura e formação do leitor frutivo e co-partícipe de algo que pertence a ele, a Literatura. Que todos façamos uma ótima leitura!

Aroldo José Abreu Pinto
Liliane Lenz dos Santos
Luciana Raimunda de Lana Costa
Organizadores